

CLARO X ESCURO: DICOTOMIAS EXISTENCIAIS

Madalena Aparecida Machado¹

RESUMO: *Caieira* (1978) de Ricardo Dicke apresenta a vivência de personagens atormentados entre a luta pela sobrevivência na brancura da cal e a escuridão de suas vidas interiores. As relações humanas formam o espaço de discussões do autor que busca com seus personagens atingir o limiar do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Caieira; homem; existência; cal.

ABSTRACT: *Caieira*, by Ricardo Dicke (1978) presents the experience of tormented characters between the fight for survival in the lime whiteness and the darkness of their inner lives. The human relations form the space of the author's discussions that search along with his characters to reach man's threshold.

KEYWORDS: Caieira; man; existence; lime.

Caieira (1978), segundo romance de Ricardo Dicke, trata da história dos trabalhadores de uma caieira no interior de Mato Grosso. Os protagonistas são: Damiano Belo e João Pio, eternamente numa luta em que o desfecho é ansiosamente aguardado pelos moradores do local, freqüentadores do bar de seu Quintino Pitomba. Nhá Amância é motivo da maioria das brigas dos dois personagens. A caieira, situada próxima ao rio das Pacas e do Aguassu, é lugar das tormentas, na labuta dos homens comandados pela mão férrea do gerente, seu Nheco. As agruras só eram aliviadas pela música de Paco Frontera que cantava o encontro do homem com seu destino. A violência brutal dos homens entre si, vem, não apenas da consumição provocada pela cal, mas da impossibilidade de alterar seus destinos, sempre presos àquele lugar que tinha apenas o nome de Boa Esperança. Cada personagem é detentor de um mistério, dentre aqueles homens que necessitam reinventar a vida, branca como a cal. Mr. Filler, o dono da caieira era o proprietário das terras e dos homens, já que os colocava em eterna dívida, fazendo-os permanecer ali.

As elaborações humanas presentes na narrativa de *Caieira* vão ao encontro do questionamento inerente ao homem preso a uma realidade que o obriga a suprimir suas potencialidades, descobrir limites nunca elaborados, como vemos: "Os homens no seu bojo, incubando a morte, neles a cobiça e o ódio roendo-os como os vermes dos mortos, no ventre trevoso, em círculos pairando –" (DICKE, 1978,

p. 06). O processo humano que se depreende do texto advém do confronto entre a opressão do meio, a cal corroendo a epiderme equivale ao despotismo de Mr. Filler e a luta dos homens como João Pio e Damiano Belo, por saberem mais de si mesmos. Seja pelo prisma individual ou da coletividade, o que entendemos sobretudo na trajetória dos personagens de *Caieira* é a existência que clama por aflorar na mesma intensidade que o "agonizante ouro rubro do sol" (Ibidem, p. 07) castiga cada um daqueles seres de papel. Assim, já não podemos afirmar que "o homem se celebra para si mesmo opondo sua consciência ao contexto da natureza", como propõe Theodor Adorno (1985, p. 60), mas tenta encontrar-se na brancura da cal, como se houvesse um contraste entre a escuridão do desconhecido que é ele próprio e a claridade da cal que, de tão intensa leva à cegueira da compreensão.

A Boa Esperança que elide qualquer augúrio positivo é responsável pelo encontro dos homens sombrios e curiosos que chegam, muitas vezes com um passado a esconder e sem futuro para pensar. Ficam atados à realidade em que o proprietário, dono de terras e mais terras, era o único considerado "homem e mais que homem, uma espécie de super-homem contra o qual ninguém podia, (...) os homens eram sub-homens, não precisavam de terras," (...) (ibidem, p. 31). Aspectos desta natureza, fazem com que o romance de Ricardo Guilherme Dicke, incorporem pressupostos pós-modernos no tocante a expor o paradoxo de questionamentos presente em personagens que servem à politização das opiniões



e ampliação do poder de criticidade em seus discursos. Isto se concretiza no instante em que percebemos a revelação dos estratos da experiência humana "(...) ali onde de repente a gente, pára para ver e pensar e encontra um enorme abismo girando cheio de nadas e indagações vazias" (DICKE, 1978, p. 34) não de sentidos mas de respostas esperadas ou previsíveis.

O entendimento humano que se busca na narrativa do prosador matogrossense passa pela procura da dúvida em seu texto, das respostas ensaiadas, da contradição nos comportamentos, enfim pelo inquirimento pessoal de cada ser fictício que se propõe enquanto objeto de interrogação. O mundo da caieira serve a tudo isto com o agravante de que ela, sendo o universo do trabalho e da ação, é também o desencanto da ilusão, seja em termos de solidariedade ou compaixão, pelo destino de seu semelhante. Os "prisioneiros da caieira" como denomina Dicke: Calavário, o Camisão, Clemente, Belisário, Miguel Anjim, o Mijaca além de Damião Belo e João Pio, formam uma massa de subjetividade problematizante capaz de fazer do processo narrativizado, uma forma essencial de compreensão humana em meio a sentidos diversos – cada um com sua história – e coerência formal ao caos dos fatos restritos da Boa Esperança, já que estão obrigados pela lei do relógio, determinante, em se tratando dos lucros almejados pelo patrão. Em meio a alienação no conhecimento de si mesmos, estes homens se embrenham na brancura da cal buscando sobrevivência, enquanto no seu interior querem a essência de tudo o que os rodeia, inclusive a posse da própria singularidade. Algo compreensível uma vez que para o patrão, não passam de números e, "a unidade da coletividade manipulada consiste na negação da cada indivíduo." (ADORNO, 1985, p. 27).

O sol de Mato Grosso que incendeia a caieira, também testemunha a "tristeza desse pessoal daqui (...) pois são aqueles homens curtidos na vida e na morte, aquelas mulheres que nasciam e morriam sem ver outros céus que não fossem os deste cafundó dos matos-grossos," (DICKE, 1978, p. 40). Os responsáveis pela noção de romance perturbador que perpassa na leitura atenta ao dispersar a noção de sujeito individual e coerente. Justamente o poder de abstração que os personagens adquirem ao lidar com a força da cal é o esclarecimento do qual necessitam a fim

de se elaborar o conhecimento de si mesmos. A literatura de Ricardo Guilherme Dicke ao propor a dúvida edifica-se sobre a ruína em que se tornou a vida dos habitantes da caieira. A compreensão por meio da depreciação das relações humanas que extravasa no livro, converte-se no propósito da atividade literária a qual o escritor empenha-se.

À semelhança do segredo guardado entre seu Nheco e nhá Mumuca, no romance em questão, luz e sombra se alternam quando se trata da constituição do sujeito visto como um processo e/ou o depositário das contradições. O não dito e o revelado juntam-se a fim de trilhar os caminhos "daquelas vidas desesperadas e sombrias" (...) (DICKE, 1978, p. 60) porque o que se espera dos limites traçados na caieira não são definições estáveis ou resultados definitivos ao discutirmos a experiência humana, porém, a parcela dos resultados infinitamente variados. Por isso, a(s) verdade(s) de *Caieira*, dentro do âmbito da literatura universal, vem do poder de negação bem como da superação a padrões estabelecidos de comportamento – a exemplo da sexualidade tratada por Dicke – contribuindo para o silêncio e o nada, substâncias primordiais da literatura, segundo Maurice Blanchot (1997, p. 298) estas levam à reflexão na medida em que cada personagem em seu modo peculiar de ser, deixa entrever uma solidão que traz em si a visão, um posicionamento sobre os problemas da época, o ser cúmplice ao mesmo tempo inimigo, o tratar indiferente em meio à paixão do envolvimento entre fatos ou pessoas capazes daquela modificação a qual o escritor se propõe quando faz literatura.

Os sofrimentos de tanta dor misturada, revirada pela caieira desembocam como as águas dos rios Aguassu e das Pacas na definição de que a "vida é boa mas é ruim também e tudo o que vai dentro, tem bondade com ruindade (...)" (DICKE, 1978, p. 87). Ao longo da leitura, ao visualizarmos esta imagem na atitude dos personagens, encontramos o triângulo amoroso entre nhá Amância, Damiano Belo e João Pio, proporcionando a problematização necessária à literatura de cunho humanístico no sentido de estabelecer as condições próprias a uma possível mudança nos modos de conceber a vida.

Em determinado momento do livro que não possui divisão por capítulos, apenas um pequeno espaço entre certo número de páginas, o narrador observa o mistério do mundo como uma sucessão de paradoxos entre o "que não existe, que existe,

que não existe". (Ibidem, p.104). Angústia marcante para quem se debruça sobre o texto tentando atar os fios de uma leitura crítica. Qual o teor dos segredos que impedem os personagens de serem felizes? A opressão maior vem de fora ou da própria interioridade? A inimizade dos protagonistas é índice de uma amizade sólida ao final do romance? A criticidade empreendida na obra de Ricardo Dicke tem este matiz de algo que não se atinge, não há resposta acerca de expectativas voltadas ao senso comum. O escritor ao afirmar que como a luz ilumina, assim o silêncio escuta, (Ibidem, p. 110), aponta aos leitores aquilo que seu trabalho produz: a liberdade do imaginário atingindo "seres privados de ser, pensamentos universais, puras abstrações julgando e decidindo, além da história, em nome da história inteira" (BLANCHOT, 1997, p. 308) isto presente na narrativa de *Caieira*, muito provavelmente com intuito de proporcionar ao leitor aquilo que seus personagens almejam no mais íntimo de si mesmos. O querer, o poder de decisão que falta aos homens da Boa Esperança entra em conflito com as "coisas más", vistas e sentidas junto à alegria que nunca haviam sequer pensado muito menos experimentado.

Mr. Filler impondo aos homens da caieira a privação do ser na ânsia do lucro, determina a morte de cada um pois em "seus" homens não existe mais interior. Quando não estão ocupados no trabalho massacrante, a banalidade da vida os invade e com isto vem a possibilidade de destruição/morte aludida anteriormente. Nhêco Salmo com a família e a amante do passado (nhá Mumuca); Calavário sussurrando seus segredos; Almira e sua dúvida a respeito de quem seja seu verdadeiro pai, tudo isto são situações em que a linguagem literária de Ricardo Guilherme Dicke explora refletindo acerca de cada sentido passível de ser levantado quando podemos nos encontrar "num nada de existência e de presença," (...) (BLANCHOT, 1997, p. 311).

Guardador do maior segredo do livro, Diabo Preto/Pignon é, como quer Dicke, "o coração ardente e africano soluçando forte pelo amor e pela liberdade". (DICKE, 1978, p.117). O jeito furtivo, a presença imponente são ao mesmo tempo a inquietude diante do estabelecido e o amor negado pelas convenções das instituições, entretanto, assumido em todas as dimensões em meio à natureza que se furta à força opressora simbolizada pela claridade da cal circundante em

contraste com sua cor negra que simboliza a negação. Consideramos como força literária de *Caieira*, a apreensão do momento que antecede a compreensão; o vazio ao conceber um sentido, quando não há; o que está prestes a se revelar mas não se cumpre: são deste modo, pontos altos da literatura de um escritor que está toda para ser descoberta. Descoberta?

BIBLIOGRAFIAS

ADORNO e HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução, Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BLANCHOT, Maurice. A literatura e o direito à morte In: *A parte do fogo*. Tradução, Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Caieira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução, Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NOTA

¹Professora Mestre em estudos literários - UNEMAT - Campus de Pontes e Lacerda

Aceito para publicação em 08/07/2004